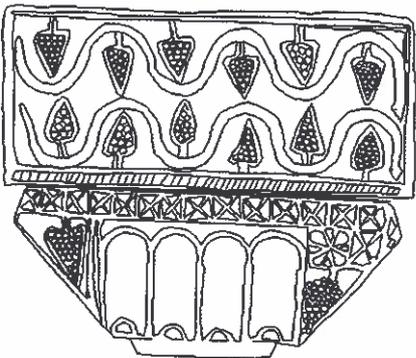
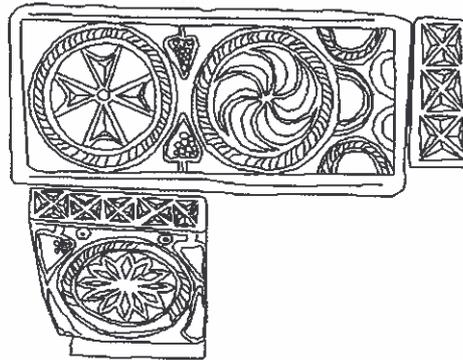


Luis Caballero Zoreda
Pedro Mateos Cruz
(editores)

ANEJOS
DE
AESPA XLI



ESCULTURA DECORATIVA
TARDORROMANA Y ALTOMEDIEVAL
EN LA PENÍNSULA IBÉRICA

ARQUEOLOGÍA
INSTITUTO
MÉRIDA
PARTIA DE EXTREMADURA
CSIC

ARCHIVO ESPAÑOL
DE
ARQUEOLOGÍA

A ESCULTURA DECORATIVA DE PORTUGAL. O GRUPO DE BEJA

Cláudio Torres

Campo Arqueológico de Mértola (Portugal)

Fernando Branco Correia

Universidade de Évora (Portugal)

Santiago Macias e Virgílio Lopes

Campo Arqueológico de Mértola (Portugal)

RESUMEN

Este texto colectivo revisa y estudia de nuevo los aspectos más significativos de los materiales y elementos de la escultura arquitectónica que, habiendo sido clasificados como de época visigoda, se integran en el llamado grupo de Beja. Geográficamente, corresponde al territorio que incluye Elvas y Juromenha, situado al occidente de Badajoz, e integra, a uno y otro lado del río Guadiana, Vera Cruz de Marmelar, Beja, Mértola, Moura, Serpa y Aroche, llegando hasta el Atlántico con Castro de Cola y Sines.

Su estudio se integra en la perspectiva y el contexto histórico que considera que los acontecimientos político-militares del año 711 no produjeron alteraciones radicales, por lo menos a corto plazo, dado que se atestiguan, entre otros aspectos, indicios claros de continuidad de las comunidades cristianas (mozárabes) en este territorio y más allá de dicha fecha.

A pesar de desconocerse los contextos arqueológicos originales de la mayoría de las piezas estudiadas (muchas de ellas depositadas en Museos sin un registro riguroso del lugar de procedencia y de las circunstancias de hallazgo), el panorama se aclara con los resultados de las recientes excavaciones realizadas en Mértola, cuyos resultados se dan a conocer aquí y en las cuales aparecen nuevos elementos pertenecientes a contextos culturales y arqueológicos más precisos.

Además se presentan los temas y los elementos decorativos más comunes presentes en la escultura decorativa encontrada en este territorio del sudoeste peninsular.

RESUMO

Este texto colectivo percorre e reavalía os aspectos mais significativos dos materiais e elementos de escultura arquitectónica que, tendo sido habitualmente classificados como de época visigótica, se integram no chamado grupo de Beja o qual, geograficamente, corresponde ao território que, a ocidente de Badajoz, inclui Elvas e Juromenha, e integra, de um lado e do outro do rio Guadiana, Vera Cruz de Marmelar, Beja, Mértola, Moura, Serpa e Aroche, indo até ao Atlântico (Castro da Cola e Sines).

O estudo deste conjunto de escultura decorativa é feito numa perspectiva que considera os acontecimentos político-militares de 711 como não produtores de alterações radicais, pelo menos a curto prazo. Apresentam-se, entre outros aspectos, indícios claros da continuidade de comunidades cristãs (moçárabes) neste território, para além daquela data.

Apesar de não se conhecerem os contextos arqueológicos originais da maioria das peças estudadas — muitas delas depositadas em Museus sem ter havido um registo rigoroso do local de proveniência e das circunstâncias do achado —, o panorama torna-se menos nebuloso com os resultados de escavações arqueológicas, recentes, levadas a cabo em Mértola, e nas quais apareceram novos elementos, inseridos em contextos culturais e arqueológicos mais precisos.

Apresentam-se ainda as temáticas e os elementos decorativos mais comuns presentes na escultura decorativa encontrada no território do sudoeste peninsular.

PALABRAS CLAVE: Mozárabes, Alentejo (Portugal), continuidad, Antigüedad tardía, mosaicos, epigrafía.

PALABRAS CLAVE: Moçárabes; Alentejo (Portugal); Continuidades; Antiguidade tardia; Mosaicos; Epigrafia.

CONTEXTO HISTÓRICO

Nas últimas décadas a historiografia, fruto de uma leitura cuidada e sistemática das fontes de época islâmica, tem estado mais atenta às transformações por que passaram as comunidades cristãs após o soçobrar do reino de Toledo e a entrada das tropas afectas aos Omíadas de Damasco.

As leituras mais recentes das fontes escritas respeitantes à entrada dos novos poderes militares e administrativos que se instalam na Península Ibérica a partir de 711, já não falam de um simples desaparecimento das comunidades cristãs ibéricas, a partir de então habitualmente denominadas como moçárabes.

Membros desta comunidade são detectados em revoltas que têm lugar no século IX, o que é factor indiciador da sua actividade na região. Os templos erguidos em épocas anteriores poderiam manter-se, em grande parte, em actividade. Por outro lado, em-

bora não seja de excluir à partida a vinda de influxos exteriores, incluindo alguns deles de origem oriental, é possível que se tivesse querido, em grande medida, prosseguir a gramática decorativa de época asturi romana fase em que o cristianismo oficial, depois de neutralizada a opção por um cristianismo ariano, caminhava para uma unanimidade que se estava a tentar impor em todo o território.

Não é, portanto, provável que os templos utilizados até 711 se alterassem subitamente e entrassem em obras para mudarem as suas características decorativas, devido à chegada dos representantes do novo poder. Para este conjunto de sítios existe, porém, um problema iniludível. Uma imensa parte do espólio foi encontrado em circunstâncias pouco definidas, aparecendo fora de contextos arqueológicos. Mesmo as obras levadas a cabo, há algumas décadas, na Igreja de Santo Amaro, não foram esclarecedores e tiveram um acompanhamento que hoje nos parece claramente insuficiente.

- 1 - Beja,
- 2 - Moura - S. Pedro da Adiça
- 3 - Serpa
- 4 - Vera Cruz de Marmelar
- 5 - Elvas
- 6 - Juromenha
- 7 - Aroche
- 8 - Sines
- 9 - Castro da Cola
- 10 - Mértola

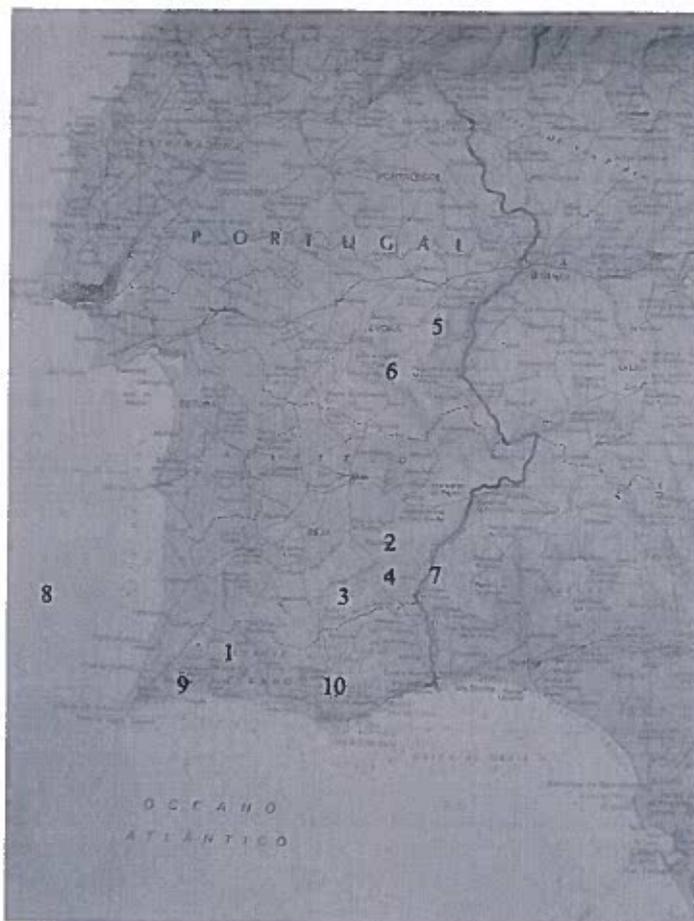


Fig. 1. Mapa dos principais sítios referidos no texto. Legenda das figuras.

Em Elvas, Juromenha, S. Brás dos Matos, Serpa e Moura, os materiais surgem reutilizados em contextos diferentes daqueles para que foram concebidos originalmente. No caso concreto de Vera Cruz de Marmelar, há que ter em conta o facto de os materiais em estudo se encontrarem numa construção que nunca foi sujeita a um trabalho de interpretação arqueológica profundo, sem sondagens ou escavações que possam datar com segurança as diferentes partes constitutivas deste edifício complexo, que foi várias vezes ampliado e alterado.

Não se pode escamotear também o facto de alguns materiais poderem ter sido transportados e deslocados do local original para que foram desenhados. Não é claro, por exemplo, que a cruz patada encontrada em S. Brás dos Matos tenha sido lavrada para uma igreja das imediações ou para a própria capela que se encontra frente ao cruzeiro — embora não tenham sido levados a cabo trabalhos profundos de interpretação desse edifício. Não é impossível que tenha vindo da vizinha localidade de Juromenha, ou de alguma das *villae* romanas do território em que se insere, onde, têm sido em alguns casos, detectados materiais arqueológicos e estruturas relacionáveis com ocupações da Alta Idade Média.

Através de todo o material analisado é possível avançar algumas propostas interpretativas que têm de ser sempre encaradas com cautela e com a provisoriedade intrínseca a qualquer trabalho deste tipo que lida com materiais encontrados fora do seu contexto arqueológico.

Todas estas questões, aliadas ao facto de muitos dos materiais estudados não terem um contexto preciso, conduz ao reconhecimento da necessidade de observar atentamente universos artísticos mais vastos — da Península Ibérica e espaços contíguos ao Próximo Oriente em geral. A circulação de gentes e de ideias conduz, muitas vezes, à conjugação num mesmo local de tradições vindas por canais diferentes, ou provenientes de culturas ou de épocas diferentes e, não seria impossível que, por exemplo, soluções do universo copta surgissem para ocidente das colunas de Hércules. Deve ainda levar-se em linha de conta o facto de tanto Mértola como Sines, serem sítios portuários onde chegavam, directamente e por via marítima, influências provenientes de todo o Mediterrâneo, trazendo novas propostas em termos dos volumes e dos elementos decorativos.

Beja continuou a ser na Baixa Idade Média um importante centro político-administrativo desem-

penhando um papel de liderança e agregador do antigo *Conventus Pacensis*, na Lusitânia. Desta antiga divisão administrativa, para além da cidade de Pax Iulia (Beja), faziam parte os territórios de Myrtilis (Mértola), Moura, Serpa e Sines. Detectam-se também, os conjuntos arquitectónicos enquadáveis neste período em Vera Cruz de Marmelar (Portel) e em redor de Elvas, na área de contacto entre os *conventi* pacense e o emeritense. Nestas áreas a linguagem decorativa assemelha-se, e é destas semelhanças — mas também de algumas especificidades e dúvidas — que pretendemos dar conta.

Esta temática foi abordada de forma sistemática desde 1962, com Fernando de Almeida, que elaborou um trabalho de inventário e de síntese intitulado *Arte visigótica em Portugal*. Sobre o mesmo período histórico-artístico, Carlos Alberto Ferreira de Almeida fez eco, em 1986, das novas tendências e sensibilidades no campo cultural, arqueológico e artístico sobre a Antiguidade Tardia no território português na publicação intitulada *Arte Paleocristã da época das invasões*. Tal problemática foi ainda abordada por Justino Maciel, sendo de destacar a *A arte da Antiguidade Tardia (séculos III-VIII, ano de 711)* e *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, publicados, respectivamente, em 1995 e em 1996.

SÍTIOS DO SUL ENTRE A ANTIGUIDADE TARDIA E O INÍCIO DA ISLAMIZAÇÃO

Beja

Capital administrativa de toda esta vasta região, *Pax Julia* é o grande núcleo urbano, sede do poder imperial e destacado centro de mercado agrícola. É a cidade romana por excelência, símbolo da ordem militar, do poder fundiário e do comércio do trigo. Os restos monumentais ali encontrados — com destaque para o suposto templo que Abel Viana pôde parcialmente estudar¹ — confirmam que o seu máximo esplendor foi atingido durante a *pax romana*.

A comunidade moçárabe parece ter mantido uma razoável importância num processo que se terá prolongado pelo menos até aos inícios do século X. Um importante conjunto de peças arquitectónicas recolhido na cidade e nas suas imediações aponta para uma continuada capacidade

¹ Viana, 1947: 77-78. As medidas indicadas (29 m. × 16,5 m.) são superiores às do templo de Évora - Alarcão, 1988: 197.

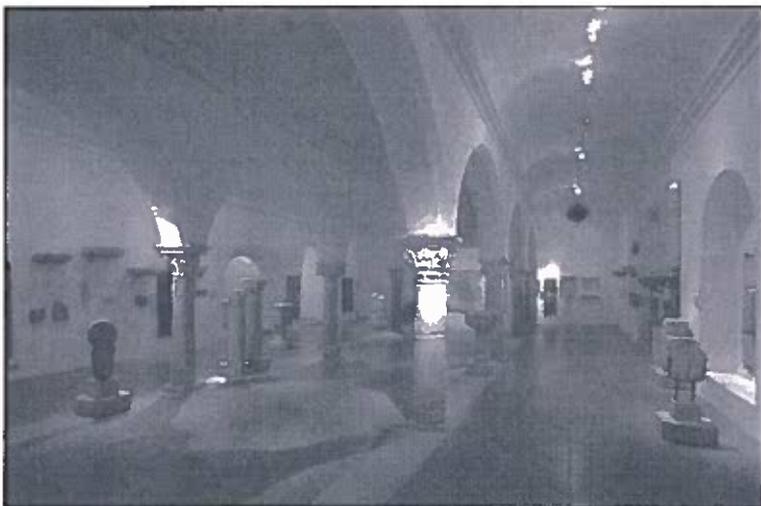


Fig. 2. Beja. Vista geral do Núcleo Visigótico - Igreja de Santo Amaro.



Fig. 3. Beja. Coluna (Vale de Aguireiro, concelho de Beja).



Fig. 4. Beja. Frontão (Trigaches, concelho de Beja).

económica da oligarquia local. A cronologia destes materiais tem sido objecto de uma discussão que está longe de se considerar resolvida e que é tudo menos inocente do ponto de vista das conclusões.

Embora se admita que quatro capitéis recolhidos em Beja possam datar dos séculos VIII/IX², não é de excluir, segundo outros autores, uma cronologia mais avançada, até meados do século XI, época em que haveria ainda condições para a construção e reforma de edifícios³. Do século IX (ou da primeira metade do X) serão ainda as impostas e três dos capitéis da Igreja de Santo Amaro, o que poderá ser justificação para que tenha existido naquele local um templo moçárabe⁴.

A actual igreja de Santa Maria pode ter sido outro dos templos de Beja na Alta Idade Média.

² Correia, 1993: 43, 45, 46 e 48.

³ Real, 1995: 47.

⁴ Torres, 1993: 24-27.



Fig. 5 Beja. Ara.

Embora os elementos que sustentam esta hipótese sejam em reduzido número, gostaríamos de sublinhar a presença naquela zona de duas lápides funerárias de eclesiásticos —o presbítero Severo (finais do século VI) e um possível bispo, Juliano (século VI ou VII)—, bem como, junto à Igreja de Santa Maria, de várias peças arquitetónicas que podem ter feito parte de um edifício religioso: uma cancela (séc. VII), uma cruz vazada (séc. VI-VII), uma gelesia (séc. VI-VII) e um pilastrim (séc. VII)⁵.

É inequívoca a importância da comunidade cristã bejense, antes e depois do século VIII. Embora se desconheça, a localização da igreja episcopal da cidade, sabemos que Beja foi, ao longo do século VIII palco de várias movimentações, algumas delas com a participação dos moçárabes. Sabemos também que o movimento de conversão de parte da comunidade local foi rápido, permitindo a manutenção no poder de uma elite espiritual ligada à região. Não deixa de ser significativo que num trabalho recente se sublinhe que “las biografías de todos estos sabios [os ulemas de Beja] se caracterizan por su brevedad y su imprecisión cronológica. Su presentación onomástica ofrece —con alguna excepción, de la que se tratará después— una homogeneidad notable: todos ellos tienen una cadena genealógica brevísima, compuesta sólo de su propio nombre y el de su padre o, en algunos casos, el de su abuelo. Sólo uno lleva una nisba árabe. Todo lo cual indica claramente que, en su mayor parte, se trata de muwalladun, hijos o nietos de conversos al Islam pertenecientes a la población de origen local. Esta procedencia puede también reconocerse en la

⁵ Torres, 1993: 62-64 e 83.

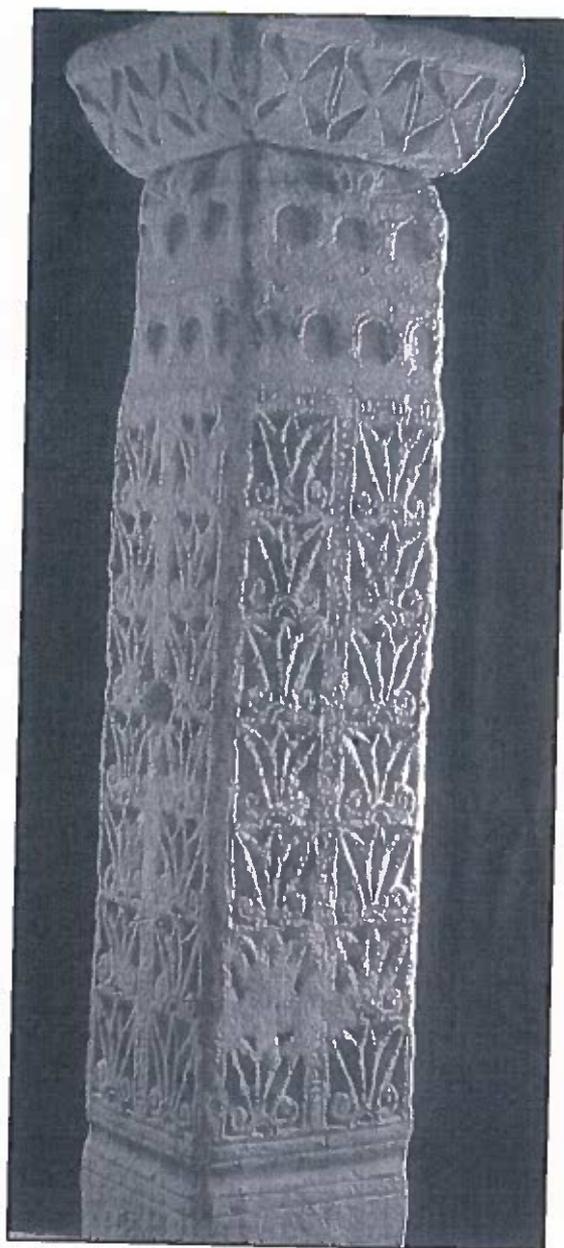


Fig. 6. Beja. Pilastra e ábaco.

frecuencia de nombres árabes con resonancias bíblico-evangélicas utilizados por estos personajes: Ishaq (Isaac), Ibrahim (Abraham), Isa (Jesús), Yusuf (José)...”⁶. O domínio da espiritualidade terá sido, portanto, outra das áreas em que a oligarquia local assegurou a continuidade do seu domínio so-

⁶ Marín, 2001: 32.

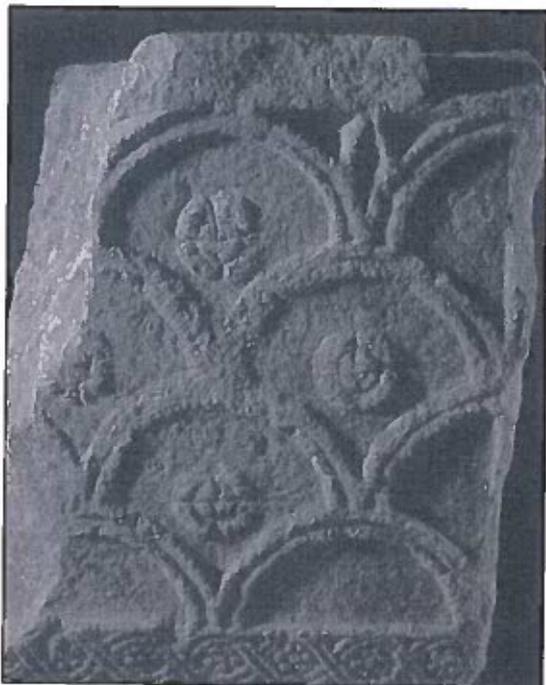


Fig. 7. Beja. Bloco decoração com peltas e rosetas.



Fig. 8. Beja. Pia.

bre a região. Ou seja, quem antes detinha as rédeas do poder rapidamente se adapta a uma nova situação, mediante um fenómeno de conversão que justifica o elevado número de “sábios” que a cidade regista (cerca de três dezenas⁷), número que será drasticamente reduzido após a instauração do califado, quando a queda da cidade arrasou consigo as elites locais.

⁷ Mazzoli-Guintard, 1996: 332 e Marin, 2001: 43-44.

Moura e S. Pedro da Adiça

A fortificação está implantada numa área de férteis terrenos agrícolas, perto das margens do Ardila, a escassos dois quilómetros do castelo, motivo principal para uma ocupação que remonta à Pré-História.

Embora não passasse de uma pequena fortificação pouco importante (mesmo no contexto regional), os dados arqueológicos que a ele se reportam são relativamente abundantes. A informação arqueológica disponível é a que resulta de dados dispersos e recolhidos de modo fortuito. Os elementos mais antigos e dignos de alguma fiabilidade foram coligidos por um arqueólogo local, José Fragoso de Lima⁸, ao passo que da maior parte das peças que deram entrada no museu não se conhece o local preciso de recolha nem as condições em que esta teve lugar.

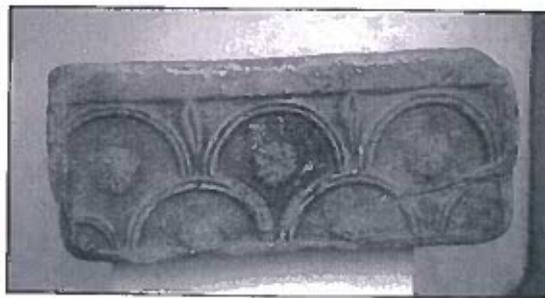


Fig. 9. Moura. S. Pedro da Adiça.

Do período pré-islâmico há notícia de uma possível necrópole da Alta Idade Média junto à Igreja de S. João Baptista. Um pouco a norte deste templo encontraram-se, nos entulhos do jardim, três moedas em ouro visigóticas (uma delas seria um triente de Recesvinto —633-672—, cunhada em Sevilha) e sepulturas⁹. Embora os elementos sejam escassos não é impossível equacionar a presença de uma antiga necrópole cristã naquele sítio, junto à principal saída da fortaleza e nas imediações de uma igreja extra-muros¹⁰.

O outro local deste território, S. Pedro da Adiça, localiza-se nas imediações da Serra da Adiça, junto à Ribeira de S. Pedro. O único reconhecimento ali feito

⁸ Lima, 1981 e Lima, 1988.

⁹ Lima, 1988: 105.

¹⁰ Como é sabido, o nome de S. João Baptista surge com frequência associado à iniciação cristã.

permitiu a identificação de materiais à superfície que podem ser atribuídos à época islâmica ou, pelo menos, a um período de transição. Independentemente da época exacta de ocupação do sítio pensa-se que a mesma não será anterior ao final do século IV¹¹. A presença em S. Pedro da Adiça de duas impostas (inicialmente datadas em torno dos séculos IV/V, mas cuja cronologia deverá ser revista e colocada em torno do século VII ou mesmo depois disso¹²) aponta para a ocupação do sítio até um período tardio e/ou de transição. Esta ideia é confirmada pela recolha em toda a área à volta da actual ermida de telhas cuja tipologia permite a sua inclusão já no período islâmico, o que leva a pensar na manutenção da vida útil do sítio até ao século X¹³. Segundo J. Fragoso de Lima, que visitou o sítio e aí recolheu cerâmicas, “define, de maneira general, este tipo de teja curva la presencia de ornamentación incisa a lo largo de su cara exterior (...). En algunos casos, los bordes laterales de dichas piezas cerámicas se presentan con cortes redondeados. Los citados ornamentos de la cara exterior los constituyen surcos sinuosos, algunos, por lo menos, al parecer, producidos con movimientos digitales”¹⁴.

Se se aceitar uma cronologia à volta do século VII para as peças de arquitectura da Adiça podemos admitir que, tal como se registou noutros locais (Montinho das Laranjeiras-Alcoutim por ex.), a zona pagã da *villa* se tenha sacralizado. Contudo, nada de concreto sabemos sobre os detalhes de ocupação deste espaço ao longo de um período tão dilatado de tempo.

Serpa

Os sítios rurais têm nesta zona particular importância, em especial nos terrenos a norte de Serpa, mais férteis, e longe das terras inóspitas da serra que separa esta vila do *alfoz* de Mértola. Foi nos terrenos em volta da ribeira de Enxoé que se constatou uma densa ocupação humana do período romano, que a



Fig. 10. Serpa. Pé de altar proveniente da Herdade da Abóbada.

islamização continuou. *Villae* de grande dimensão, como a Salsa¹⁵ e a Cidade das Rosas¹⁶, parecem obedecer a um padrão idêntico de ocupação. Conheceram uma actividade ininterrupta entre a época romana e o século XI, tendo então sido abandonadas. Idêntica cronologia está patente em assentamentos menos importantes, como Entre Águas 2¹⁷ e Tojosas de Baixo 1¹⁸. Outros sítios, como Ficalho, apresentam vestígios de uma ocupação na Alta Idade Média, como o atesta o epitáfio de Martinus, datado de 626 d.C. Para além disso, é de notar o facto da necrópole apresentar sepulturas em *opus signinum* e cobertas de argamassa¹⁹, tal como se registou em Mértola. Contudo, em Ficalho não existe nenhum elemento que marque uma eventual continuidade até à época islâmica.

O único espaço funerário anterior à Reconquista que se conhece é o “Alpendre dos Lagares”,

¹¹ Lima, 1963: 9.

¹² Macias, 1990: 86-88 (sécs. IV-Ve); Rcal, 1998: 47 (depois do séc. VIII); Rego, 2003: 71 (sécs. VI-VII). Uma proposta em torno dos séculos VI-VII é também avançada em relação a uma placa de Beja, tipologicamente próxima das da Adiça-Correia, 1993: 44.

¹³ As conclusões, bem mais recentes, de James Boone vão no mesmo sentido: «the use of finger-impressed zig-zag begins in the Late Roman period and before the Muslim invasion, continues throughout the Islamic period, and ceases with the Christian conquest of the area» - Boone, 2001: 112-113. Telhas de Alcaria Longa no anexo A (fig. II.166).

¹⁴ Lima, 1963: 11.

¹⁵ Lopes, 1997: 33-34.

¹⁶ Lopes, 1997: 74-75.

¹⁷ Lopes, 1997: 47.

¹⁸ Lopes, 1997: 76-77.

¹⁹ Dias, 1987c.

um pouco a sul da ribeira de Enxoé²⁰, onde se escavou um conjunto de sepulturas com datação entre os séculos VI a VIII²¹. Desconhece-se a extensão da necrópole, bem como a eventualidade de a mesma ter continuado a ser utilizada na fase inicial da islamização.

A importância da localidade propriamente dita terá sido menos evidente (não há, por exemplo, materiais arquitectónicos da Alta Idade Média provenientes do castelo)²², o que não exclui uma presença humana confirmada pelos exemplares de *sigillata tardia* (séculos VI-VII) recolhidos no casco antigo de Serpa. Em particular na zona mais alta da fortificação, onde hoje se situa o Largo dos Condes de Ficalho, escavações realizadas por Miguel Rego proporcionaram materiais daquele período em duas unidades estratigráficas²³. Contudo, é da Herdade da Abóbada

que provêm um “pé-de-altar” com *chrismon* e com alfa e ómega, e que se encontra depositado no castelo de Serpa.

Vera Cruz de Marmelar

Alguma dezenas de quilómetros a norte, em Vera Cruz de Marmelar, uma zona defendida naturalmente por um arco de colinas de média altura, em contacto visual com o rio Guadiana e numa área de terras capazes de alimentar uma pequena comunidade monástica encontram-se vestígios arquitectónicos passíveis de se enquadrarem nesta época, tanto no interior como no exterior da cabeceira da igreja actual que, para além de evidente paralelos com outros idênticos de Beja, apresentam semelhanças com materiais do *conventus emeritense*.



Fig. 11. Interior da igreja de Vera Cruz de Marmelar.

²⁰ Lopes, 1997: 51 e carta n.º 4.

²¹ Análises de carbono 14 com idade calibrada AD 676 e desvio de 2 sigma 639/786 - Cunha, 2001: 319 e 325.

²² Tremisses de Emerita (Recaredo: 586-601) encontrados em Serpa - Faria, 1988: 73. Moedas de Sevilha (Egi-

ca-Witiza: 695-702) e de Córdova (Witiza: 702-710) recolhidos no Monte da Pipa, nas imediações de Serpa - Faria, 1988: 77-78.

²³ LCF. A/01-UE 43 e LCF. A/01-UE 44-informação pessoal de Miguel Rego, a quem agradecemos.



Fig. 12. Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Detalhe.



Fig. 13. Vera Cruz de Marmelar. Pilastra.

Elvas

Na zona de Elvas, numa área de transição entre o território de Mérida e o de Beja, onde são evidentes os sinais —arqueológicos e textuais— de ocupação ininterrupta entre a Antiguidade e o período omíada, têm-se encontrado elementos escultóricos que denotam programas arquitectónicos relacionados, em alguns casos, com templos cristãos. No Museu de Elvas guarda-se o que parece ser um fragmento de uma pilastra, encontrado no interior da cidade; em Juromenha foram detectados três elementos arquitectónicos reutilizados numa das torres das fortificação, um dos quais é um “pé-de-altar” com evidentes paralelos com outros encontrados em Mérida. A poucos quilómetros daí, no adro da igreja de S. Brás dos Matos, ainda hoje se pode ver uma peça semelhante, parcialmente escondida, suportando outra cruz.

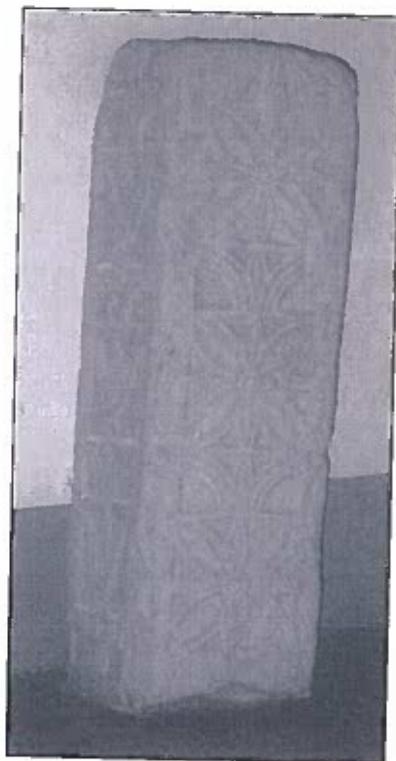


Fig. 14. Elvas. Pilastra.

Aroche

Ao contrário do que se verifica noutras zonas da *kura* a lógica que parece imperar nestes sítios é a da sua *descontinuidade* de ocupação. Não existe documentação epigráfica referente aos séculos VI-VII nem há dados seguros sobre a vida dos assentamentos em volta de Aroche ao longo da Alta Idade Média.

É importante sublinhar que o Museu Municipal conserva um resto de friso arquitectónico, datável dos séculos VI-VII, encontrado junto à muralha do castelo.

Sines

A fortificação de Sines localiza-se no centro da baía com o mesmo nome, num dos raros locais de abrigo na inóspita costa ocidental a sul do Tejo. A reputação do sítio está mencionada, de forma expressiva, num texto do século XIX: “acham os navios na bahia de Sines um excelente abrigo contra os ventos, que não sejam sul ou Sudeste, que n’ esta parte descompõem tanto os navios que não ha ancoras que os livrem de vir varar na praia ou despedaçar-se nas rochas”²⁴.

A identificação deste local com a Marsa Hashim das fontes escritas islâmicas (em detrimento da clássica correspondência Marsa Hashim /Castro Marim²⁵) é uma proposta relativamente recente de um dos signatários, implicitamente aceite por alguns autores²⁶, mas ignorada ou rejeitada por outros²⁷.

Recordemos o texto de al-Himyari: “non loin de Mértola, près du bord de la mer se trouve Marsa Hashim: c’est une forteresse ancienne, où se trouvent des ruines antiques, ainsi qu’une grande église qui fut bâtie sous le règne du César Dioclétien [?] (Kasliyan). C’est au règne de cet empereur qui remonte également l’église de Tolède”²⁸. Desde essa publicação por Lévi-Provençal, seguida por todos os autores, se tem feito corresponder Marsa Hashim com Castro Marim, embora esta fortificação na foz do Guadiana deva antes ser identificada com

o *Qasruh* ou *Hisn al-Qasr* citado por Yaqut na área de Niebla²⁹. Sustenta-se esta hipótese em duas ordens de razões: em primeiro lugar, por Castro Marim ser a única povoação com a designação de “castro” nesta área; em segundo, porque al-Udri afirmava que o *iqlim* de Niebla se estendia 40 milhas para oeste, confundindo-se com o de Osso-noba, o que faz coincidir Castro Marim justamente com esta zona de transição.

A hipótese assenta em duas argumentações, a filológica e a histórica/artística. Em relação à primeira recorda-se que *marsa* significa “porto” em árabe e que *Sines* deriva do latim *sinu-* (enseada). Os elementos aduzidos são sublinhados pela lógica do local, implantado sobre uma pequena baía que faz de Sines um dos raros pontos protegidos da costa alentejana e com boas condições para albergar embarcações. No que se refere à segunda, é citada a invulgar colecção arquitectónica da Antiguidade Tardia encontrada no Castelo de Sines e nas suas imediações. É um conjunto de mais três dezenas de peças que apenas tem paralelo, ao nível do

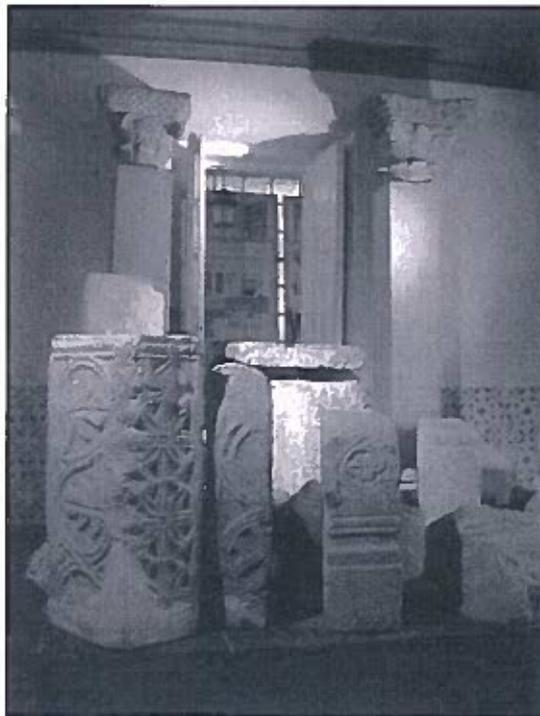


Fig. 15. Sines. Vista geral do museu arqueológico.

²⁴ Silva, 1869: 125.

²⁵ Identificação proposta por Lévi-Provençal na edição de al-Himyari, 1938 e seguida por todos os autores até aos nossos dias.

²⁶ Picard, 2000: 176.

²⁷ Boissellier, 1999: 56 (n. 152), com uma proposta de dicotomia entre Baesuris/Marsa Hashim e Qasruh.

²⁸ al-Himyari, 1938: 232.

²⁹ Yaqut, 1977: 77, baseado em al-Udri.



Fig. 16. Sines. Pilastra com cruz alfa e ómega.



Fig. 18. Sines. Pé de altar.

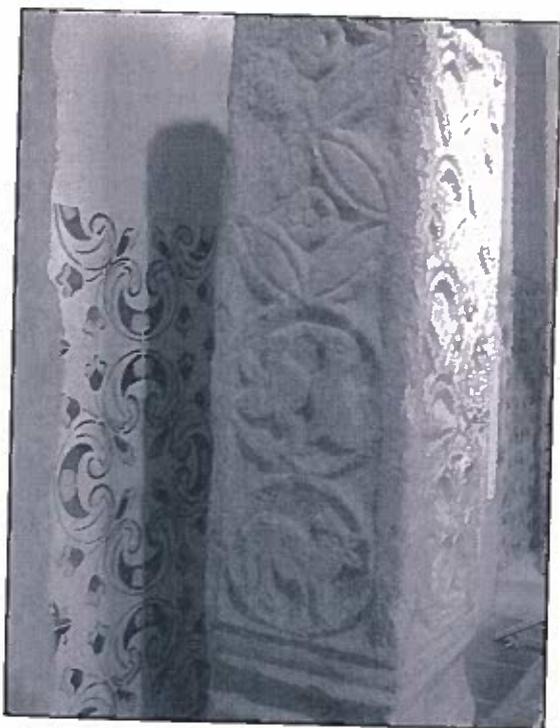


Fig. 17. Sines. Pilastra.

território, na cidade de Beja. A cronologia proposta, o século VII, apresenta também uma grande homogeneidade³⁰, o que confere uma acrescida solidez à ideia de que todos estes elementos, integráveis do ponto de vista estilístico na área de influência emeritense, possam ter pertencido a um único monumento.

A colecção de Sines fez perdurar no tempo a existência de um templo de grandes dimensões naquela localidade. No século XVIII, muito depois de al-Himyari ter dado notícia da igreja, ainda se continuava a falar do culto de S. Torpes, cujas relíquias teriam chegado por mar, e da grandeza da seu templo ("o primeiro da Europa e o segundo da Cristandade", segundo uma tradição local)³¹.

Dos trabalhos arqueológicos realizados no interior do Castelo de Sines não temos quaisquer elementos: "dentro da cerca as sondagens nada revelaram", ao passo que no seu exterior ter-se-á locali-

³⁰ Ver sobre Sines o estudo fundamental de Fernando de Almeida - Almeida, 1968-1970: 17-29 e figs. 3-42.

³¹ O topónimo de S. Torpes continuou até aos nossos dias, numa praia a 10 km. de Sines - ver Real, 1995: 52.



Figs. 19 e 20. Sines. Pilastra.

zado um *hypocaustum*, sine como outros materiais de época romana³².

Conhecem-se ainda três *trientes* do período visigótico, um dos quais do reinado de Sisebuto³³, que nos ajudam a sublinhar a importância do sítio na Antiguidade Tardia. A permanência de um local de culto cristão durante o período islâmico é apenas sugerido pelo texto de al-Himyari.

Castro da Cola

Há elementos importantes que apontam para a presença durante a Alta Idade Média de um local de culto cristão no sítio onde hoje está Ermida da Senhora da Cola. Provêm daí local duas peças —um fragmento de uma placa decorada e um pilastrim de cancela— cuja integração apenas se pode aceitar num edifício de cariz religioso³⁴. A cronologia proposta (séculos VIII-IX) é corroborada por Manuel Real que não exclui mesmo a hi-

pótese do pilastrim ser posterior aquela época³⁵. Se se aceitar como argumento a considerar a coincidência entre o local onde a peça foi recuperada e o sítio onde esteve em uso é obrigatório que se coloque a hipótese de uma islamização mais tardia deste território e da existência de uma comunidade cristã em Marachique. Seria, nesse caso, de se admitir a coexistência entre o local de culto e uma necrópole extra-muros, prática comum nas comunidades cristãs da Alta Idade Média. Não são, contudo, conhecidas lápides funerárias referentes a esse período.

Desconhece-se também a existência de qualquer mesquita, parecendo-nos improvável que o templo que terá existido na Antiguidade Tardia possa ter dado lugar a um local de culto muçulmano. Depois da Reconquista o sítio foi re-sacralizado. Apesar do total abandono, em termos habitacionais, do Castro da Cola o peso da tradição religiosa do local manteve-se até aos nossos dias³⁶.

³² Almeida, 1968-1970: 19.

³³ Almeida, 1968-1970: 19-20 e figs. 2-2A.

³⁴ Correia, 1993: 50 e 59.

³⁵ Real, 1995: 52 e figs. 17 a 19.

³⁶ Romaria anual em honra da Senhora do Cola no mês de Setembro.

Mértola e S. Bartolomeu

Neste vasto território merecem especial referência os abundantes testemunhos da Antiguidade Tardia revelados pelos trabalhos arqueológicos realizados em Mértola, que têm trazido à luz um conjunto de ambiciosos programas construtivos, permitindo uma aproximação mais rigorosa à topografia da cidade na Antiguidade Tardia. À basílica funerária do Rossio do Carmo (segunda metade do século V) com um acervo lapidar de significativa importância, veio

juntar-se, nos últimos anos, a escavação do complexo palatino da acrópole, cujo baptistério e mosaicos deverão datar da primeira metade do século VI (Lopes, 2004). Um estudo mais pormenorizado da chamada Torre do Rio (uma estrutura defensiva de controle da área portuária) permitiu também o seu re-enquadramento em termos cronológicos, posicionando-a no período bizantino.

A escavação arqueológica levada a cabo na zona do baptistério proporcionou a descoberta de um interessante conjunto de elementos arquitectó-



Fig. 21. Mértola. Lápide da basílica do Rossio do Carmo.



Fig. 22. Mértola. Pilastra com leão e touro afrontados à árvore da vida.



Fig. 23. Mértola. Pilastra.



Fig. 24. Mértola. Imposta



Fig. 25. Mértola. Imposta.

nicos. A maior parte dos materiais provém da desmontagem das estruturas islâmicas que se sobrepueram no espaço e no tempo. Os restantes materiais arqueológicos foram recolhidos em estratos de um revolvimento de terras que tinha em vista a construção do bairro islâmico. No mesmo local foi também descoberto um singular conjunto musivo, do qual fazem parte representações mitológicas das quais se destaca um painel com Blerofonte cavalcando Pégaso matando a Quimera e cenas de caça, das quais se destaca, um cavaleiro a caçar com um falcão, e leões afrontados à árvore da vida³⁷.

Um elemento proveniente das escavações levadas a cabo no ano de 1981 e que reforça a convicção da presença cristã neste edifício, é uma cruz pátrea inscrita em círculo³⁸. Esta peça de mármore cinzento apresenta-se incompleta e é formada por um quarto de círculo e apenas um braço que permitem, no entanto, reconstituir o conjunto: uma coroa de louros simplificada em moldura de entalhes entroncados envolve uma cruz de braços iguais aberta em gelosia. Um pequeno espigão serviria para a fixar numa empena ou numa janela.

Na casa romana do Museu de Mértola encontra-se exposto um possível fragmento de mesa de altar em mármore branco de grão fino³⁹. Apresenta

uma decoração geométrica composta por uma moldura em forma de meia cana separada no ângulo por uma palmeta. Pelo tipo de material e pelo local do aparecimento pensamos ser provável a que tenha integrado um dos edifícios da área palatina.

Possivelmente relacionada com este conjunto religioso está também a pilastra de mármore encontrada nesta localidade e hoje no Museu Nacional de Arqueologia⁴⁰. Segundo Carlos A. F. de Almeida a peça "proveniente de Mértola, encontra-se no Museu Nacional de Arqueologia uma peça de mármore apilarada, decorada em três faces. Nas laterais vemos cântaros com ramagens de videira, serpenteantes entre folhas e caules de uvas. A testaria frontal mostra-nos caules curvilíneos que cercam animais. Com uma cuidada moldura e um relevo poderoso, muito cavado e arredondado, é uma obra que nos parece francamente atribuível ao século V"⁴¹. Mais recentemente esta pilastra foi alvo de estudo por Justino Maciel que a descreve da seguinte forma: "Nas faixas laterais, verticalmente, representa-se o tema da Árvore da Vida, uma videira ondulante com parras, cachos e gavinhas, saindo de um vaso. Na face maior, horizontal-

³⁷ Lopes, 2004: 98.

³⁸ Torres, et alli, 1991: 45.

³⁹ Comprimento máxima 30 cm., largura máxima 29 cm. espessura máxima 8 cm, reutilizada nas paredes da casa islâmica implantada na zona do baptistério.

⁴⁰ Almeida, 1962: fig. 75 e 76.

⁴¹ Almeida, 1993: 17.

mente, o mesmo tema da *Árvore da Vida*, descrevendo círculos e, entre estes, um touro e um leão, sendo os espaços livres ocupados por outros animais, como a pomba e o coelho ou lebre. Compare-se esta iconografia com a da cadeira de marfim do bispo Maximiano de Ravena, do século VI e do período justiniânico, seja nos seus registos verticais, seja nos horizontais e teremos de constatar a evidência do modelo ravenaico⁴². Apesar da importância desta peça, não nos é possível saber a sua proveniência exacta. A iconografia desta peça e a sua provável função estrutural, distantes do que encontramos nos materiais do Rossio do Carmo levam a pensar na sua utilização num contexto palatino, com toda a probabilidade no âmbito do baptistério. Trata-se, em todo o caso, de um importante elemento que atesta a riqueza da comunidade cristã de Mértola e o seu permanente contacto com os centros difusores dos principais modelos.

A epigrafia e a decoração das lápides funerárias de Mértola tem sido alvo de trabalhos sistemáticos por parte de Manuela A. Dias⁴³. A autora distingue a nível dos motivos decorativos seis grupos em que o "critério de agrupamento passou pela aceitação, como elemento nuclear, do próprio conjunto decorativo, isto é, não se procedeu à decomposição dos elementos constitutivos de cada grupo, porque se admite que a sua associação é mais do que uma simples acumulação de significados, correspondendo, cada um, a um determinado segmento simbólico da mensagem visual"⁴⁴. Primeiro grupo: cruz latina ou cruz pátea dentro de círculo uma ou outra encimando o texto e no prolongamento do eixo mediano de simetria. Segundo grupo: cruz pátea circundada encimando o texto, o todo sob um arco no prolongamento do eixo mediano. Terceiro grupo: cruz ou *chrismon* com colunas enquadrando o texto, alguns encimados por arco. Quarto grupo: cruz ou *chrismon* com aves afrontadas. Quinto grupo: *chrismon* associado a outros motivos, o conjunto, é colocado acima do texto no prolongamento do eixo mediano de simetria. Sexto grupo: outros elementos como, por exemplo, os drapeados⁴⁵.

A propósito do estudo da decoração dos epitáfios da basílica do Rossio do Carmo, Manuela A. Dias concluiu que "do ponto de vista social, o tema decorativo do arco sobre colunas se afirma predominantemente nas lápides funerárias de in-

divíduos ligados à hierarquia religiosa de Mértola"⁴⁶.

No conjunto das 40 lápides datadas de Mértola, o mais antigo enterramento detectado corresponde ao ano de 462⁴⁷ sendo o último o epitáfio funerário correspondente ao presbítero Afranius, datado de 706⁴⁸. Apesar dos diversos estudos de que estes monumentos foram alvo, é extremamente difícil saber ao certo o número exacto dos epitáfios paleocristãos de Mértola, dado que existem muitos fragmentos de lápides com possibilidade de pertencerem ou não a uma mesma peça.

Na zona sul do actual concelho, na capela de S. Bartolomeu da Via Glória, quando se procedia a obras de remodelação do pavimento da nave, foram detectados fragmentos de peças de arquitectura decorativa: um pé de altar, uma cancela e uma imposta. As peças estão incompletas e são em mármore branco de grão médio.

O sítio teve ocupação desde, pelo menos, os séculos V/VI até ao século XI/XII. Situado junto à Ribeira do Vascão, assenta numa plataforma rochosa de cerca de 30 000 m².

O fragmento de pé de altar⁴⁹ apresenta forma paralelepípedica de arestas chanfradas. A parte superior tem forma quadrangular, desenvolvendo-se o corpo em octógono. Conserva, num dos lados, a parte superior de uma cruz pátea e uma moldura em gola. Na parte superior contém um pequeno orifício escavado, o *loculus*, de forma rectangular que tinha como função guardar a caixa das relíquias. Este pé de altar possui paralelos em Mérida datados dos finais do século VI, prolongando-se a sua existência pela centúria seguinte⁵⁰.

A cancela é constituída por dois fragmentos, estando o da parte superior muito gasto, mas onde é ainda visível uma cruz pátea inscrita num círculo. Lateralmente é ornamentada com trifólios estilizados, rematados inferiormente por um arco. A parte inferior da cancela possui, como motivo decorativo central, um encordoado e sulcos verticais paralelos que assentam num arco. Estes motivos decorativos

⁴² Dias, 1997: 319.

⁴³ Epitáfio que se conserva no Museu Nacional de Arqueologia.

⁴⁴ IHC 302, desaparecida (conserva-se um desenho) Dias, 1997: 319.

⁴⁵ Possui as seguintes dimensões: comprimento 76 cm, largura 25 cm. O *loculus* tem 15 cm de comprimento, 18 de largura e 13 de profundidade.

⁵⁰ Villalón, 1985: 220.

⁴² Maciel, 1995: 139.

⁴³ Dias, 1997: 319-340.

⁴⁴ Dias, 1997: 323.

⁴⁵ Dias, 1997: 325.

têm paralelos na gramática decorativa de Mérida⁵¹ e Beja⁵², e são enquadráveis no século VII.

A imposta conserva, na parte superior de dois dos seus lados, uma decoração feita com arcos de meio ponto entrecruzados originando um imbricado de arcos quebrados. Um dos lados foi cortado com fino talhe a bisel, o outro, ao invés, foi apenas sumariamente delineado. Esta imposta tem paralelos muito similares em peças de Mérida, datadas da mesma centúria⁵³. Estudos mais recentes de cronologias não excluem a possibilidade de serem materiais de labor mais tardio⁵⁴.

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

A afirmação do cristianismo como religião de Estado, estreitamente ligada no Oriente ao poder imperial do *Basileus* de Constantinopla, e em Roma, favoreceu a sua difusão. Não será de estranhar que essa religião e a arte a ela associada vá crescer em algumas capitais de provinciais, como foi o caso de Mérida. A capital da antiga Lusitânia torna-se num pólo irradiador de referências culturais e artísticas. A presença de bispos de origem oriental contribuiu, como se tem defendido⁵⁵, para a chegada de influências dessas longitudes durante o chamado período “visigótico”. Sem estar a fazer um levantamento exaustivo, deve referir-se que se detecta essa influência em peças encontradas em Elvas, Juromenha e S. Brás dos Matos, Vera Cruz de Marmelar, Serpa, Moura e Beja. Mesmo em Mértola e Sines é possível detectar tais influências.

Os elementos considerados de época visigótica, encontrados no arco formado pelo Guadiana a Ocidente e a Sul de Badajoz, enquadram-se perfeitamente no que se tem considerado o “foco emeritense”; e podem apontar-se algumas dessas características comuns mais evidentes.

Detectaram-se vários exemplares de cruces patadas⁵⁶, em alguns casos no contexto do que se tem classificado como pés-de-altar, como é o caso do que se encontra colocado numa esquina de uma das torres do castelo de Juromenha e do que se encontra a servir de suporte a um cruzeiro, junto da ca-

pela de S. Brás dos Matos⁵⁷. Não é raro o aparecimento de cruces vazadas⁵⁸.

É também frequente encontrar, sobretudo em frisos, ábacos ou impostas, motivos ondulantes entrecruzados (mais ou menos estilizados⁵⁹); estes motivos ondulantes surgem com características mais naturalistas, num fragmento de fuste com decoração de tipo clássico, com cachos de uvas e um *cantharus*⁶⁰.



Fig. 26. S. Brás dos Matos. Pé de altar.

⁵¹ Villalón, 1985: 219-228, figs. 189 a 193.

⁵² Correia, 1993: 58.

⁵³ Villalón, 1985: 427-428, figs. 315, 316 e 317.

⁵⁴ Villalón, 2000: 249, 265.

⁵⁵ Villalón, 1985.

⁵⁶ Correia, 1993: n.ºs 37, 57 e 62.

⁵⁷ Correia, 1995: 493-498.

⁵⁸ Correia, 1993: n.ºs 33 a 36.

⁵⁹ Correia, 1993: vide n.ºs 19 e 21, 22 e 23.

⁶⁰ Correia, 1993: n.º 3.

A decoração à base de trifólios pode surgir em conjuntos alinhados⁶¹; por vezes os trifólios apoiam-se ostensivamente em motivos arqueados⁶², ou associada a tangentes e secantes, por vezes com os próprios trifólios inseridos em círculos⁶³.

Os mesmos trifólios, quando apoiados inferiormente em volutas, podem inserir-se em espaços quadrangulares⁶⁴.

Os número dos "fólios" dos elementos pode variar: veja-se o aparecimento de octafólios, inseridos em espaços quadrangulares, convivendo com trifólios inseridos círculos⁶⁵, ou, como se se pode observar numa das pilastras, com os referidos trifólios inseridos círculos e ainda com tangentes e secantes — como se pode ver na peça n.º 39 de Beja; octafólios semelhantes podem encontrar-se numa outra peça de Beja que serviu como pia⁶⁶; vejamos também a aplicação de decoração à base de octafólios na aduela de uma arco — também de origem bejense — arco cujo intradorso é decorado com uma sequência de espirais; rosetas com oito fólios podem encontra-se também combinados com cruces patadas⁶⁷. Algumas rosetas com oito fólios denotam claramente a existência quatro de maior e outros tantos de menor dimensão; é o que se passa com uma peça de Elvas, onde estes octafólios convivem com trifólios assentes sobre elemento decorativo arqueado⁶⁸.

Porém, as rosetas podem ser constituídas por um outro número de "fólios"; é o que se passa com os elementos florais dos frontões que, por terem de se adaptar a um espaço tendencialmente triangular, acabem por desenhar rosetas com seis pétalas, ou seja, aquilo a que se poderia chamar um hexafólio⁶⁹. Os círculos de tangentes e secantes, com botão ao centro, são bastante comuns na gramática decorativa destes conjuntos⁷⁰. As palmetas

estilizadas podem surgir a alguns destes elementos⁷¹.

A influência desse foco é clara em peças como, por exemplo, as cruces patadas de Juromenha e S. Brás dos Matos, nas pilastras de Beja (Quintos?) e nas peças de Marmelar⁷².

A decoração com base em peltas faz a sua aparição em elementos inseridos na construção actual de Vera Cruz de Marmelar⁷³ e num outro, muito semelhante, retirado da muralha de Beja, onde esteve colocada por a face oposta ostentar as armas reais⁷⁴. Estas peltas, bem como uma outra de Mértola⁷⁵ imitam as gelosias de algumas aberturas, como se pode apreciar a partir de um elemento fragmentado encontrado em Idanha⁷⁶.

No caso dos capitéis, há a salientar o importante e variado conjunto que faz parte da estrutura da igreja de Santo Amaro de Beja, conjunto composto por capitéis desiguais apoiados sobre fustes reaproveitados. Neste conjunto notam-se não só as influências clássicas mas igualmente novos talhes e aplicação de novos programas decorativos, fruto desse reaproveitamento em época em que o gosto era já outro ou em que não eram bem vistas determinadas representações, vê-se que alguns desses capitéis foram, alterados em fase não terminada.

Os elementos decorativos referidos encontram-se em frisos, ábacos, impostas e placas insculturadas, sendo ajuda de referir a existência de um elemento de cancela de uma igreja⁷⁷.

No caso de Sines a decoração das peças é feita com elementos vegetalistas como ramos de videira, cachos de uva, peltas, trifólios. Menos abundante é a representação de temas arborescentes. Estes elementos são combinados com motivos geometrizes como cruces patadas, inscritas ou não, em círculos, havendo casos em que são encimadas com alfa e ómega e ladeada por duas aves. Uma das impostas, que encima um capitel corintizante decorado com folhas de ângulo, possui um nítido axadrezado, motivo singular neste conjunto decorativo. A ornamentação destes elementos de arquitectura decorativa é muito rica, indo desde os temas geometrizes e vegetalizados até as repre-

⁶¹ Correia, 1993: n.º 4; no caso vertente, trata-se de uma face de uma imposta.

⁶² Correia, 1993: n.º 32 e 64 do Museu de Beja; e Almeida, 1954: figura 2.

⁶³ Correia, 1993: n.ºs 39, 43, 49, 53, 54, 56, 59, 60 e 64.

⁶⁴ Correia, 1993: vide n.ºs 28 e 46; Almeida, 1954: figura 3; Almeida, 1962: figuras 221 e 222.

⁶⁵ Correia, 1993: peça n.º 60.

⁶⁶ Correia, 1993: n.º 49 d conjugando-se aqui trifólio em posição central; veja igualmente a peça n.º 63, que corresponde a um fragmento de pilastra, bem como num possível pilastrim n.º 51.

⁶⁷ Correia, 1993: peça n.º 62; Almeida, 1962, figura 205.

⁶⁸ Almeida, 1962: figura 82.

⁶⁹ Correia, 1993: n.º 69; Almeida, 1954: figura 5.

⁷⁰ Correia, 1993: ao tratar da decoração à base de trifólios, vejamos também os n.ºs 30, 37, 41, 50, 52, 55 e 61.

⁷¹ Correia, 1993: vide n.º 25.

⁷² Almeida, 1954: figura 5; Correia, 1993: n.º 69.

⁷³ Almeida, 1954: figura 1.

⁷⁴ Almeida, 1954: n.º 14.

⁷⁵ Almeida, 1962: figura 234.

⁷⁶ Almeida, 1962: figuras 229-230.

⁷⁷ Encontrado no Castro da Cola, no concelho de Ourique, Correia, 1993: n.º 29.

sentações de animais, tais como a águia, o cordeiro, o coelho ou as aves. Estas aparecem em cenas afrontadas, separadas e inserida num círculo, a ladear cruces ou em cena de caça em que a águia captura um coelho.

Todos estes materiais de Sines foram classificados por Carlos Alberto Ferreira de Almeida como datadas do "século VII, possivelmente ainda da primeira parte"⁷⁸.

Outro dos motivos presentes na escultura são as cruces com alfa e ómega, no caso da pilastra de Sines esta, possui também duas pombas que ladeiam a composição central. Um pé de altar depositado em Serpa e proveniente da Abóbada, possui também um *chrismon* com o alfa e ómega. Este motivo aparece representado em Mértola na basílica do Rossio do Carmo e numa peça de ourivesaria proveniente da necrópole da Achada de S. Sebastião.

Por outro lado, a região de Beja — para além do caso particular de Sines — conta com várias pilstras, talhadas — maioritariamente mas não exclusivamente — em mármore de S. Brissos, com evidentes semelhanças a outras de Mérida⁷⁹; algumas delas representam arcos, mais ou claramente relacionados com elementos de cariz arquitectónico⁸⁰.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- AL-HIMYARI, 1938: La Péninsule Ibérique d'après le *Kitab al-rawd al-mitar d'al-Himyari* (ed. Evariste Lévi-Provençal), Leiden, EJ. Brill.
- YAQUT, 1977: Nuevos topónimos relativos a al-Andalus en el *Mujam al-Buldan de Yaqut* (trad. por José Antonio Rodríguez Lozano) in *Cuadernos de Historia del Islam*, n.º 8, Universidad de Granada, pp. 57-84.

⁷⁸ Almeida, 1986: 49.

⁷⁹ Correia, 1993: n.ºs 39 a 46.

⁸⁰ Correia, 1993: n.º 42, 46 e, sobretudo, o n.º 44; Almeida, 1962: figuras 78 e 85-88; veja-se também o elemento decorativo, conservado *in situ*, na ermida de S. Luis, perto de Selmes, que ainda se conservava coberto por cal há algum tempo atrás, publicado por Almeida, 1963-64, p. 142, figuras 6 e 7; ver ainda a figura n.º 3 da publicação que trata Vera Cruz de Marmelar.

Estudos

- ALARCÃO, Jorge de, 1988a: *Roman Portugal*, vol. I, Warminster, Aris & Phillips, Ltd.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1986: «Arte da Alta Idade Média» in *História da Arte em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Publicações Alfa.
- ALMEIDA, Fernando de, 1954: *Pedras visigodas de Vera Cruz de Marmelar*, Lisboa.
- ALMEIDA, Fernando de, 1962: *Arte visigótica em Portugal*, Lisboa.
- ALMEIDA, Fernando de, 1966-1967: «Mais pedras visigóticas de Lisboa e do grupo lusitânico» in *Arquivo de Beja*, vol. XXIII-XXIV, Beja, Câmara Municipal de Beja, pp. 224-240.
- ALMEIDA, Fernando de, 1964: «A capela de S. Luis de S. Pedro de Pomares (Beja)» in *Arquivo de Beja*, vols. XX-XXI, Beja, 1963-64, p. 142, figuras 6 e 7.
- ALMEIDA, Fernando de, 1968-1970: «Sines visigótica» in *Arquivo de Beja*, vol. XXV-XXVII, Beja, Câmara Municipal de Beja, pp. 17-29.
- ALMEIDA, Fernando de (e CAEIRO, José), 1978a: «Pé de altar visigótico na Abóbada (Serpa)» in *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 339-344.
- ALMEIDA, Fernando de, 1978b: «Monumentos arqueológicos e visigóticos de Arranas (S. João dos Azinhais, Torrão, Alcácer do Sal)» in *Setubal Arqueológica*, 4, pp. 215-226.
- BOISSELLIER, Stéphane, 1999: *Naissance d'une identité portugaise. La vie rurale entre tague et Gadiana de l'Islam à la Reconquite* (Xe-XIVe siècles), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BOONE, James, 2001: «Tribalism, ethnicity and islamization in the Baixo Alentejo of Portugal: preliminary results of investigation into transitional period (AD 550-850) rural settlements» in *Era. Arqueologia*, n.º 4, Lisboa, Edições Colibri / Era, pp. 104-121.
- CORREIA, Fernando Branco, 1993: «Catálogo» in *Museu Regional de Beja - núcleo visigótico*, Beja, Assembleia Distrital / Museu Regional.
- CORREIA, Fernando Branco, 1995: «Materiais de época visigótica de Juromenha (Alentejo)» in *IV Reunião de Arqueologia Cristiana Hispânica*, Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, pp. 493-498.
- CRUZ VILLALÓN, María, 2000: «El taller de escultura de Mérida. Contradicciones de la escultura visigoda» in *Visigodos y Omeyas. Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XXIII, CSIC, Madrid, p. 249-265.

- CUNHA, Eugénia, 2001: «Bioarqueologia em Serpa: o caso da necrópole de Alpendre dos Lagares» in *Conimbriga*, XL, Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 319-325.
- DIAS, Maria Manuela Alves (e SOARES, António Manuel Monge), 1987c: «O epitáfio paleocristão de Martinus, Vila Verde de Ficalho (Serpa)» in *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. V, Lisboa, MNAE, pp. 233-240.
- ESTORNINHO, Alexandra (*et al.*), 1994: «O povoamento na área de Aljustrel e seu enquadramento na faixa piritosa alentejana» in *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*, Huelva, Universidad de Huelva, pp. 27-36.
- FARIA, António Marques de, 1988: «On finds of suevic and visigothic coins in the Iberian Peninsula and their interpretation» in *Problems of medieval coinage in the Iberian Area* (ed. por Mário Gomes Marques e D.M. Metcalf), 3, Sociedade Numismática Scalabitana/Instituto de Sintra, pp. 71-88.
- LIMA, José Fragoso de, 1963: «Nuevas piedras visigóticas en Portugal», sep. de *Analecta Sacra Tarraconensia*, vol. XXXV.
- LIMA, José Fragoso de, 1981: *Apontamentos históricos e arqueológicos do concelho de Moura*, Moura, Biblioteca Municipal.
- LIMA, José Fragoso de, 1988: *Monografia arqueológica do concelho de Moura*, Moura, Câmara Municipal de Moura.
- LOPES, Maria da Conceição (*et al.*), 1997: *Arqueologia do concelho de Serpa*, Serpa, Câmara Municipal de Serpa.
- LOPES, Virgílio, 2004: *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo*, CAM, Mértola.
- MACIAS, Santiago, 1990: «Fragmentos arquitectónicos tardo-romanos do Museu Municipal de Moura» in *Moura na Época romana*, Moura, Câmara Municipal de Moura, pp. 85-92.
- MACIEL, Manuel Justino (e MARTINS, João Paulo), 1995: «Monasterium e ecclesia de S. Salvador no Monte do Mosteiro (Mértola)» in *IV Reunião de Arqueologia Cristiana Hispânica*, Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, pp. 499-506.
- MACIEL, Manuel Justino, 1996: *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, Ed. do Autor.
- MARIN, Manuela, 2001: «Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana» in *Elites e redes clientelares na Idade Média* (ed. Filipe Themudo Barata), Évora, Edições Colibri/CIDEHUS, pp. 27-44.
- MAZZOLI-GUINTARD, Christine, 1996: *Villes de al-Andalus. Li Espagne et le Portugal li Époque musulmane (VIII-XV siècles)*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.
- PICARD, Christophe, 2000: *Le Portugal Musulman (VIII-XIII siècle). Le Occident de al-Andalus sous domination islamique*, Paris, Maisonneuve & Larose.
- REAL, Manuel Luís, 1995: «Inovação e resistência: dados recentes sobre a Antiguidade Crisã no Ocidente Peninsular» in *IV Reunião de Arqueologia Cristiana Hispânica*, Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, pp. 17-68.
- REAL, Manuel Luís, 1998: «Os moçarabes do Gharb português» in *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, Instituto Portugues de Museus, pp. 35-56.
- REAL, Manuel Luís, 2000: «Portugal: cultura visigoda e cultura moçarabe» in *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media - Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XXIII, Madrid, CSIC, pp. 21-75.
- REGO, Miguel, 2003: «A ocupação islamica de Noudar» in *Arqueologia Medieval*, n.º 8, Porto, Edições Afrontamento, pp. 69-82.
- SILVA, António de Macedo, 1869: *Annaes de Santiago do Cacem*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- TORRES, Cláudio *et al.*, 1991: *Museu de Mértola. Núcleo do Castelo*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, Cláudio, 1993: «A igreja de Santo Amaro» in *Núcleo visigótico - Museu Regional de Beja* (coord. de Susana Correia), Beja, Museu Regional de Beja, pp. 19-27.
- VIANA, Abel, 1947b: «Restos de um templo romano em Beja» in *Arquivo de Beja*, vol. IV, Beja, Câmara Municipal de Beja, pp. 77-88.
- VILLALÓN, María Cruz, 1985: *Mérida Visigoda. La escultura arquitectónica y litúrgica*, Badajoz, Diputación Provincial.